

tantos mundos. Mudos 'Rui, 'estás triste,?' e as coisas apareciam. Ou melhor, iam aparecendo, enquanto a tristeza se dissipava. E eu, a rir. A rir. A rir. Às vezes diziam-me: não rias assim”.

O que se estranha, ou não, mas lamenta-se é que ninguém tenha pegado num pedaço de um livro qualquer do autor, traduzido a mostrado. É que Rui Nunes, um dos nossos melhores, não está traduzido. Nunca se apoiou a sua divulgação. Culpa só dele?

**Crónicas**

**O coelho e o almirante**

Enquanto cronista, Mexia sabe que a história é um género literário e que os jornais não são um lugar vedado à literatura. *Gustavo Rubim*

**O Mundo dos Vivos**

Pedro Mexia  
*Tinta da China*



As crónicas jornalísticas, como Pedro Mexia as junta neste livro, são um género histórico. Neste

PEDRO GUNHA



**Mexia sabe perfeitamente que escamotear o “eu” na interpretação do mundo é ou uma falácia ou um sintoma de castração**

caso, vão desde 1666 – uma crónica sobre a peça *O Misanthropo*, de Molière – até 1995, ano em que no mar da Nova Zelândia nasceu Laura Dekker, a menina que aos treze anos quis velejar sozinha à volta do mundo e foi proibida pelas autoridades da Holanda. A história é o reino dos vivos, o seu mundo, e na lógica do cronista, o mundo precede sempre a escrita – e deve, portanto, organizá-la, pois sem mundo não haveria crónica.

Este empirismo falsamente irónico é essencial à prosa de Pedro Mexia, que, sendo também poeta, nitidamente precisa deste género por razões de fundo: pois é de fundo a necessidade de que o mundo não se reduza a uma infinita espuma de peripécias sem sentido. A arte do cronista é a de uma espécie de pescador que no meio dessa espuma consegue captar os episódios em que brilha, não a rotina nem a vitalidade, mas o próprio sentido da vida humana.

Esses emblemas, Mexia encontra-os sobretudo em casos do que podemos chamar “vida privada pública”, entre os muitos que regularmente irrompem na imprensa: Tiger Woods, o caso Maddie (transformado no caso Kate...), a desgraça de Strauss-Kahn, o falso escândalo das orgias de Max Mosley, as catástrofes de Polanski, as vidas literalmente tenebrosas de Elizabeth Fritzl e de Natascha Kampusch. É uma tentação pensar que o cronista trabalha, então, com as sobras e os fundos da história contemporânea, mas a verdade é que na época em que se inventou, com estatuto académico, uma coisa chamada “história da vida privada”, é impossível dizer que a notícia de uma adolescente austríaca que foi forçada a viver quase nove anos numa cave “onde não podia dar mais de seis passos” é um acontecimento menos significativo do que uma cimeira do G8. Em que critério iríamos basear a hierarquia?

Este ponto distingue em absoluto as crónicas de Pedro Mexia daquilo que mais abunda nos jornais nacionais, que são feitorias de opinião, algumas vezes disfarçadas de desinteressados exercícios de “comentário”. Não é por acaso que *O Mundo dos Vivos* começa com Alceste, o misantropo de Molière, e acaba com Laura Dekker, a navegadora solitária: o cronista não quer arremessar adeptos para a sua interpretação do mundo, está antes agradecido por lhe abrirem nos jornais uma toca a partir da qual observa, com olhos que são só seus, os dramas da existência humana.

Enquanto cronista, Mexia sabe que a história é um género literário e que os jornais não são

um lugar vedado à literatura. Daí que não se coíba de assinar visivelmente o que escreve, seja num parêntesis breve – “... os misantropos comuns (como eu)...” –, seja numa abrupta declaração de gosto a abrir uma crónica (“Mas eu gostava mesmo era das aventuras de Tintin.”), seja ainda noutra declaração de abertura que marca uma posição forte ao mesmo tempo que dá cabo de um estereótipo: “É um



escândalo que ainda haja escândalos sexuais.” Os mais superficiais (e não sei se invejosos) falam aqui de narcisismo, mas

o ponto é claramente outro: Mexia escreve na era da crítica cultural, foi crítico literário regular ao longo de vários anos e sabe, portanto, perfeitamente que escamotear o “eu” na interpretação do mundo é ou uma falácia ou um sintoma de castração. Além do mais, quem iria levar a sério um cronista que se excluísse do “mundo dos vivos”?

Querer ser levado a sério é uma das virtudes que mais ressaltam destas páginas, sobretudo quando o autor inclui com naturalidade naquele “mundo” essa parte que os adultos sem mundo nem vida atiram para o caixote da infância e da adolescência: a ficção, a imaginação, o divertimento e o riso. Livros, filmes, desenhos animados (incluindo *Sport Billy* e *Calimero*, bem definido como o “protótipo do amado imaturo”) demonstram que o humor não é sinal de inteligência – a comédia portuguesa atual está aí para o provar – a não ser quando quem se ri também sabe pensar. Uma das melhores crónicas do volume é a que se ocupa de Bugs Bunny, o famoso coelho da Looney Tunes em cuja pergunta emblemática (*What's up, Doc?*) Mexia vê “a dúvida ancestral dos individualistas: que assunto tão importante é esse que exige que me venham maçar?” Ora, esse problema de ser maçado revela, à memória arguta do cronista, uma semelhança de fundo com aquele momento histórico em que o almirante Pinheiro de Azevedo, cercado na Assembleia Constituinte por metalúrgicos comunistas, fez aos jornalistas um comentário inesquecível: “Ser sequestrado é uma coisa que me chateia.”

Historiadores incapazes de dar sentido a frases destas já pouco ou nada nos interessam. Um cronista que tem o poder de ver aquilo que liga um coelho animado a um almirante de carne e osso é, pelo contrário, um escritor para a nossa atenção.

**Desporto Euro 2012**



Página da selecção | Estádios | Opinião | Fórum | Multimédia

Dê o pontapé de saída no Euro 2012 com o Público

Acompanhe as notícias sobre a selecção portuguesa e as outras selecções presentes, através dos enviados do Público à Polónia e Ucrânia, a opinião de Bruno Prata e outros especialistas, fotogalerias, fóruns, classificações e relatos dos jogos ao minuto.

[desporto.publico.pt/Euro2012/](http://desporto.publico.pt/Euro2012/)

## Crónica, diz ele

**O Mundo dos Vivos** :: Pedro Mexia :: Romance :: Tinta da China  
:: 206 págs. :: €14,90 :: Nota 90%

### Eduardo Pitta:

Conhecendo o seu gosto pelo cinema, não me admirava que "O Mundo dos Vivos", de Pedro Mexia (n. 1972), fosse um trocadilho com "Land of the Dead", o clássico de George A. Romero. O livro colige 52 crónicas que Mexia publicou no jornal "Público" (2007-10) e no semanário "Expresso" (2011-12). Manuel António Pina, autor do prefácio, aprendeu muito com estes textos: sobre literatura, fotografia, BD, música, cinema, teatro, design, outras artes, incluindo a "arte da vida". É natural.

Mexia domina bem o género, um género nobre (basta pensar em Rubem Braga, talvez o maior cronista da língua portuguesa) - que não se confunde com as frioleiras de inspiração partidária que dominam a imprensa.

Na impossibilidade de as citar todas, escolho três: "O Dono das Notícias", um perfil bem escarolado de Rupert Murdoch; "É um Escândalo", ensaio sobre o puritanismo a partir do caso Lewinsky (o hiato entre comunismo e terrorismo que Philip Roth classificou como cocksucking); e "Badocha", sobre a ditadura da boa aparência. Podia escolher outras: em regra, são todas muito boas.

E várias as alternativas: "Capitu" (Machado de Assis); homoeotismo (Thomas Mann); catástrofes (Polanski); canções (Chico Buarque), desconstrução das elites (Sarkozy), famosos (Lindsay Lohan), etc. Vai ver que vale a pena. ▀

